



SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA



Figuras da Dança

MARILENA ANSALDI



são paulo companhia de dança | figuras da dança

A proposta de homenagear a todos que fizeram a dança no Brasil é, por si só, um feito importante, recoberto de carinho e humildade. Quanto à Marilena Ansaldi, cabe bem o adágio “dize-me com quem andas (e o que fazes) e te direi quem és”. O sucesso da carreira dessa profissional reflete seu talento nato e sua união com pessoas marcantes da dramaturgia brasileira, dentre as quais destaco algumas, sem desmerecer outras: Sábato Magaldi, Iacov Hillel, Celso Nunes, José Possi Neto, Cibeles Forjaz, Antônio Araújo, Marcio Aurelio.

Lembro-me muito bem de *Escuta, Zé!*. Certamente Reich foi uma leitura de cabeceira para muitos e a peça provocou uma sacudida em todos nós. Esmiuçava os métodos do tempo da ditadura e aflagia o íntimo de cada um de nós ao mesmo tempo. A peça sintetizava de forma sublime como um trabalho artístico pode ser, simultaneamente, histórico e atemporal. Marilena merece todos os prêmios e nosso afeto eterno, por sua coragem e talento.

Ronaldo Bianchi

SECRETÁRIO ADJUNTO DE ESTADO DA CULTURA

➤ *Marilena Ansaldi em Isso ou Aquilo, 1975 (foto: Acervo pessoal Marilena Ansaldi)*

⏪ [capa] *Em Escuta, Zé!, 1977 (foto: Djalma Limongi Batista)*





Marilena Ansaldi vida e arte como sinônimos

*Quando outra virtude não haja em mim, há pelo menos
a da perpétua novidade da sensação liberta.*

Bernado Soares [Fernando Pessoa]. *Livro do Desassossego*

Marilena Ansaldi não gosta de falar do passado. Algo na própria natureza de sua arte e de seu espírito inquieto parece explicar essa recusa em se debruçar sobre o passado: para Ansaldi, vida e arte não se distinguem. E qual o sentido de uma arte feita de repetições do mesmo? Qual o valor de uma vida que não se baseie na pulsão sempre progressiva do desejo? E, portanto, por que se ocupar com repetidos olhares sobre o passado quando a vida e a arte se alimentam do instante?

Para entender as evoluções da arte de Ansaldi, porém, cumpre saber de onde esse vulcão irrompe: Maria Helena Ansaldi nasceu em 1934, depois de um romance

➤ *Sociedade Ballet de São Paulo: Marilena Ansaldi com Pedro Kara em Apollon Musagète, 1969 (foto: acervo pessoal Marilena Ansaldi)*

⏪ *Em Desassossego, 2005 (foto: João Caldas)*

iniciado pela corista Maria Nazareth da Silva e pelo barítono Paulo Ansaldi a bordo do navio que os levava em turnê nacional. Paulo, artista arrebatador exaustivamente elogiado por sua qualidade musical e dramática assim como por sua versatilidade cênica, seria figura central na vida de Marilena, para bem (por seu legado de talento e vigor artístico) e para mal (por sua presença castradora e às vezes abertamente cruel). A mãe, acreana que recebera sólida formação cultural e dona de uma personalidade forte e arrojada, seria o outro pólo – com menos ressonâncias artísticas, não obstante seu talento como cantora – e figura de diversas maneiras oposta a Paulo.

Desde cedo, convivendo intensamente com os bastidores do Theatro Municipal (tanto do Rio de Janeiro quanto de São Paulo) no papel de filha do grande astro lírico, Marilena, “*vendo a dança dentro da ópera, sentia uma espécie de dor, uma pontada de ânsia e desejo*”. A ânsia e o desejo vinham da certeza de sua vocação mais profunda – realizar a partir do próprio corpo toda a riqueza da arte cênica – declarada desde a primeira infância. Por outro lado, a dor advinha de uma interdição: não vendo o ambiente artístico (que ele próprio freqüentava) com bons olhos, Paulo Ansaldi proibia terminantemente os

planos da filha. Em meio a devaneios românticos para escapar ao cotidiano tumultuoso promovido pelo pai, Marilena dançava pelos cômodos da casa esperando não ser vista.

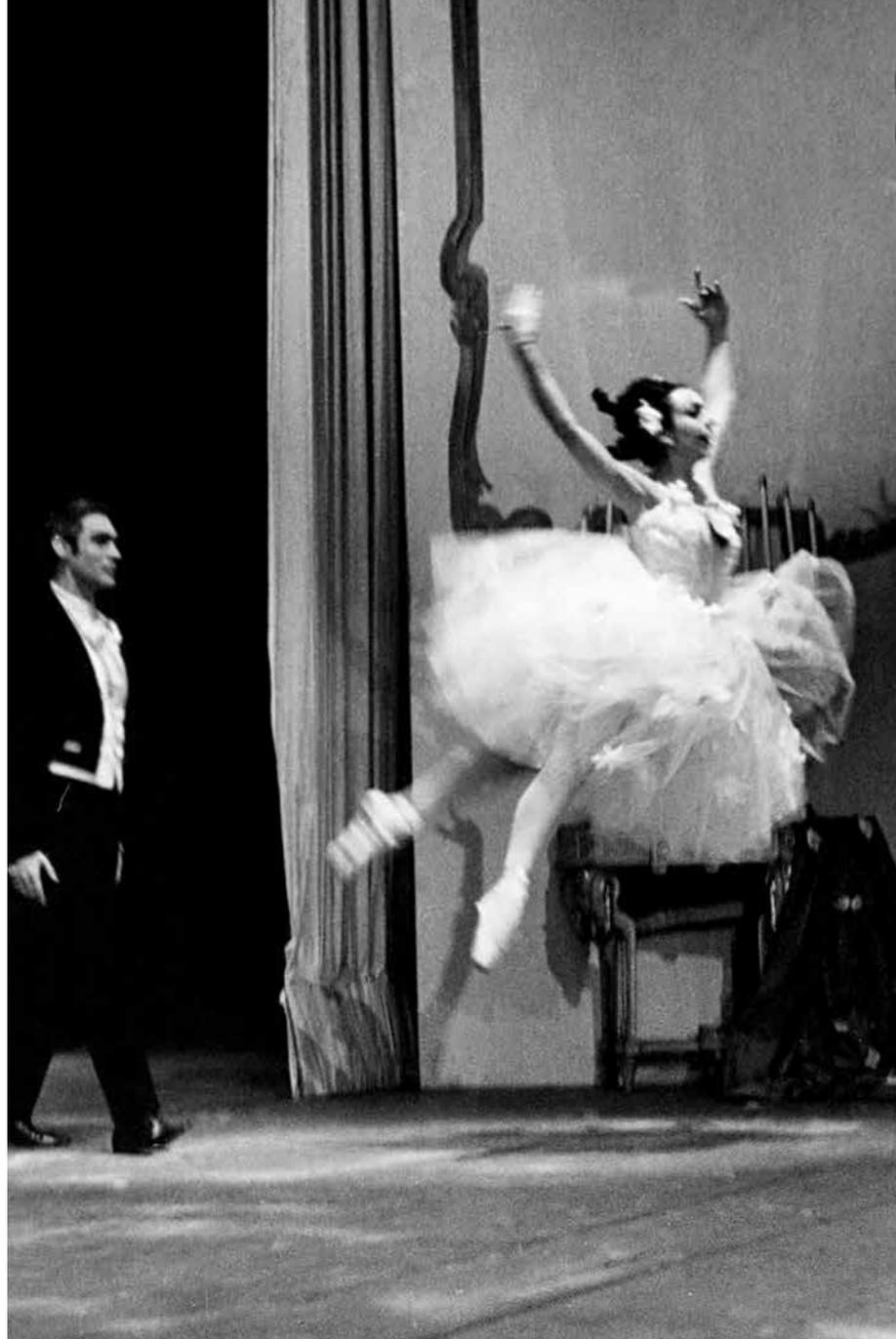
O casamento de Paulo e Maria Nazareth era cheio de altos e baixos e, como estes subrepujavam em muito aqueles, veio a separação. Com esta, Marilena, todavia, não podia ainda se dedicar à dança, porque a mãe temia perder sua guarda encaminhando-a para a arte à revelia do pai. Aos 14 anos, em um baile, Marilena conheceu Fausto, um jovem ginasta com quem compartilhou seu sonho artístico. Sensibilizado, ele se aproximou gradativamente de Maria Nazareth até convencê-la a permitir que Marilena estudasse balé.

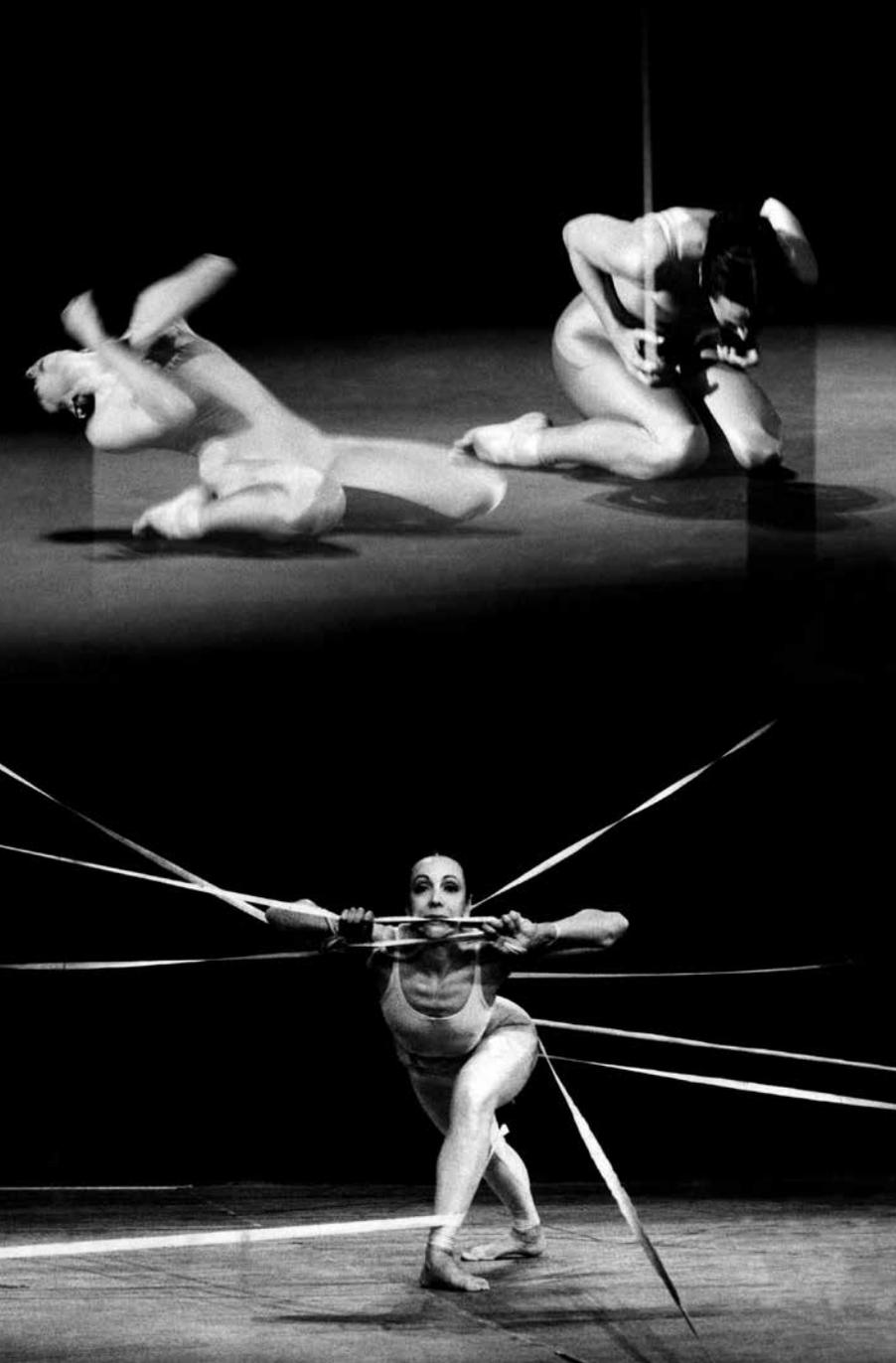
Marilena começou muito tarde sua formação na dança: aos 15, inicia os estudos que às vezes começam antes dos 4 anos de idade; ela “*precisava fazer dez anos em dois*”. Não queria ingressar na Escola Municipal de Bailado no primeiro ano – já era retardatária na educação formal, não queria sê-lo também naquilo que seria o centro de sua vida. Ela sempre soube, porém, que a disciplina, tão importante, vem da paixão; e se era pouco disciplinada nos estudos era apenas porque isso não fazia tanto sentido quanto a dança – sua grande paixão e vocação.

Logo, para recuperar o tempo perdido, ela mobilizava uma determinação sobrenatural; estudava com afinco, amarrava-se na cama *en dehor*, insistia mesmo machucada. Não foi fácil: Marília Franco (sua primeira professora) a ignorava, Maria Olenewa (de quem o pai da jovem pediu uma avaliação) não lhe via futuro no balé. Mas, se Marilena desistisse frente a obstáculos, não teria sequer iniciado essa trajetória (e nem teria ouvido de Olenewa uma enfática retratação anos depois).

Passou a fazer aulas extras, que pagava com trabalhos diversos, incluindo saltos de um piano ao chão em *grand écart* (movimento onde as duas pernas se alongam na frente e atrás num ângulo de 180°) em bailes e *A Morte do Cisne* no teatro de revista – naquelas *boites*, causava sensação a altiva dançarina, com sua arte voluptuosa, mover-se sobre as pontas de *tutu*.

Treinamento intenso realizado, Marilena ingressou na Escola Municipal de Bailado em 1951, no oitavo ano. E, de aluna tida como pouco promissora, tornou-se solista do Corpo de Baile Municipal em dois anos. Dançava bons papéis, recebia elogios pela arraigada expressividade de sua dança, inovava com um tom particular cada papel que executava (em especial por sua dança oriental, que





em solo fértil no Brasil, queria percorrer o mundo, alimentar-se de outros ares, outras artes, outras culturas. Transformou então em esforço prático o seu pendor comunista, até então vivido intuitivamente. Engajou-se em movimentos sindicais jovens, com o intuito de participar do Festival da Juventude em Helsinki, Finlândia. Lá sentiu-se acolhida e não tinha grandes preocupações.

O festival chegava ao fim, e Marilena queria ir para a União Soviética, o que só foi possível participando da trupe de artistas brasileiros, organizada por Nora Ney e Jorge Goulart, que excursionaria ali. Concluída a turnê do grupo, Marilena enfrentaria outro período de angústia esperando por uma bolsa oferecida pelo governo da União Soviética. Depois de meses de espera, foi admitida como bolsista do Bolshoi. Outros meses de estudo, seguidos de pequenas participações em montagens para, em 1964, culminar no grande acontecimento – sua primeira participação como primeira bailarina do grupo de formandos do Teatro Bolshoi, e primeira, aliás, de uma bailarina brasileira ali. Sucesso arrebatador: sua *Zarema*, de *A Fonte de Bakhchisarai* (coreografia de Rostislav Zakharov), conquista aquele exigente público, e Marilena é vista e cumprimentada pelo premier Krushev.

Em 1964, depois de dois riquíssimos anos, expirava sua bolsa. A União Soviética foi para Marilena uma experiência de extremos: como nunca, sentia-se amparada e segura. Mas, se por um lado o regime garantia grande dignidade ao indivíduo, por outro, as dimensões da liberdade eram inversamente proporcionais – há saúde, há educação, mas espaços exíguos para gozá-las. E Marilena sentia falta de criar, de romper barreiras. Se chegou lá acreditando radicalmente no comunismo, passava então a procurar o equilíbrio possível, a verdadeira fraternidade que tem na arte seu sacramento maior. *“Desde então, acredito na utopia, acredito no sonho, acredito numa coisa maior, além da mediocridade”*. Nada mais estranho ao seu caráter que as preocupações mesquinhas, para as quais não concorra a realização de aspirações profundas. Como não encontrasse motivos para permanecer e não os encontrasse tampouco em Paris, voltou para o Brasil, em 1965.

A essa volta a imprensa brasileira deu razoável cobertura, e, numa das entrevistas, dada ao jornal *O Estado de S. Paulo*, Marilena conhece o jornalista Sábato Magaldi. Embora Marilena já estivesse de volta aos palcos, com produções nas quais, mesmo sem verba, tinha certa liberdade criativa, estava mergulhada em uma crise emocional.





A companhia de Sábato era um apoio para ambos, já que ele perdera a mulher há pouco. Em seis meses se casavam, e Marilena passava a freqüentar um meio intelectual que lhe ampliaria horizontes. “*Eu procuro sempre dançar os meus pensamentos, as minhas sensações, e não passos*”, afirmou Marilena. O que ela faria a seguir seria uma gradual – porém radical – depuração dessa idéia.

Posta em estreito contato com o meio teatral, Marilena percebia um estado de apatia na dança. Renée Gumiel, recém-chegada ao Brasil, lhe parecia uma figura fora do comum, que apresentava um trabalho intrigante e diferente, e, portanto, interessante de participar. Com esse estímulo, Marilena partiu para experimentar coisas radicalmente novas: com Iracity e Antonio Carlos Cardoso, Sonia Mota, Marilene Silva e Zilah Vergueiro (que, na verdade, era atriz), ingressou num processo criativo que resultou em *Dança Viva*, um espetáculo cenicamente simples e inovador, grande sucesso no meio teatral.

Paralelamente a muitas outras atividades, como a criação, com Victor Aukstin, Peter Hayden e Marika Gidali, do Balé de Câmara e os trabalhos para a Sociedade Ballet de São Paulo, Marilena se lançava num novo universo criativo. Em meio a profundas inquietações artísticas (lembrando

que isso equivale a dizer “profundas inquietações de vida”), Marilena escreveu sobre “o que havia deixado de ser, o que não sabia se poderia ser e as coisas que [a] amarravam e das quais precisaria [se] libertar”. Nascia *Isso ou Aquilo*, grande marco de sua obra (radicalmente) autoral, quase a criação de um novo gênero. Com sua estréia no Teatro Galpão, verdadeiro sucesso de crítica e público. Em *Isso ou Aquilo*, Marilena traduzia cenicamente o modo como certa conformação (no seu caso, a formação em balé clássico) era aprisionadora. Em seguida, essa restrição era vencida para ser, por fim, parcialmente reincorporada. Marilena se mostrava ali, como nunca até então, uma criadora à altura dos grandes: partia do mais profundamente particular para falar do universal – traduzia, a partir de suas experiências pessoais, as questões de aprisionamento, censura e auto-censura, seguidas de uma análise sensível dos modos de empreender e viver a liberdade que, por fim, se mostram sempre parciais. Bravo!

Seguiram-se novos espetáculos que, em diferentes medidas e sempre de renovadas formas, fundiam a dança à linguagem teatral de maneira orgânica. *Por Dentro/Por Fora*, seu primeiro trabalho em par com um ator em cena (Rodrigo Santiago), nascera de versos do amigo Mário Chamie, com direção de Iacov Hillel. *Escuta, Zé!*, a partir de texto

(acima) *Em Fundo de Olho*, 1978 (foto: acervo pessoal Marilena Ansaldi)

(abaixo) *Em Sopro de Vida*, 1979 (foto: Arquivo Multimeios/dadoc/ccsp/smc/pmsp) >





de Wilhelm Reich, com direção de Celso Nunes, retomava a crítica às conformações emburrecedoras e embrutecedoras. E ainda *Fundo de Olho* (baseado nas idéias de Richard Laing), *Um Sopro de Vida* (a partir de Clarice Lispector, com direção de José Possi Neto) e *Geni*, sobre canção de Chico Buarque, com direção de Possi. Depois da terrível agitação em torno da produção de *Geni, Picasso e Eu*, nova parceria com Possi, seria especialmente gratificante, um intenso e fluente processo criativo que alinhava o universo do artista espanhol em um espetáculo tecnicamente impecável e artisticamente muito vigoroso. A presença vocal de Marilena é explorada ali com especial sucesso.

Seguem-se outros tantos trabalhos, sempre em ritmo interior intenso, em fluxo vital (artístico) frenético. Não por acaso, paralelamente a sua fama como bailarina, Marilena conquistou todos os mais importantes prêmios brasileiros como coreógrafa, atriz teatral e realizadora, além de tantos outros conferidos a obras suas. Em 1986, Marilena participou da novela *Selva de Pedra*, da tv Globo. Fazer tv, contudo, foi uma concessão, coisa que ela nunca faz no teatro. “*Televisão é indústria*”; para Marilena, a arte do corpo no palco é orgânica, se move desde os lampejos do desejo mais profundo.

Depois, um hiato. Marilena, certa vez, comentou o silêncio criativo de José Celso Martinez Corrêa, de 1985 a 1991, como um possível momento de destilação, depuração – coisa que o tempo confirmou. Essa compreensão pode explicar o próprio silêncio de doze anos de Marilena, rompido em 2005 graças à insistência da jornalista Ana Francisca Ponzio, com *Desassossego*, a partir da obra de Fernando Pessoa (com direção de Marcio Aurelio). Marilena observa que “*a arte é a própria vida e a depressão (o contrário da vida) é a privação da arte*”. Isso parece lançar luz sobre *Desassossego*: do interior da própria depressão, da angustiante ausência de arte, nasce uma compreensão, a um só tempo desconfortável e esperançosa, *que se faz arte*. E das boas. Uma tradução cênica sensível e renovada de um universo intrincado e verbal.

Marilena voltaria aos palcos recentemente (2006 e 2007) em criação alheia. *A Metafísica do Amor*, de Marcio Aurelio, com Paulo Marcello, reserva seus doze minutos finais para uma assombrosa aparição – a dama Ansaldi, surgindo como espírito telúrico que flana sobre música de Vivaldi, surge para lembrar que, em perfeita cópula com a morte que ronda o protagonista, há uma pulsão de Eros, fecunda e terna.

Pode-se comparar Marilena a Clarice Lispector: é capaz de falar do amor, da vida, da morte, da paixão, da natureza das coisas e da densidade do nada a partir de um fato prosaico, ou de uma epifania insuspeita. Isso porque, como já sabemos, para ela arte e vida são palavras que se podem substituir livremente. O que pode explicar seu presente recolhimento: parece que, no momento, sua parte de arte ela *vive* em espécie.

Marcio Junji Sono



Marilena Ansaldi | Cronologia

1934 Nasce em 4 de novembro na cidade de São Paulo, filha do barítono Paulo Ansaldi e da corista Maria Nazareth da Silva. Vive a infância e início da adolescência no Rio de Janeiro.

1950 Começa seus estudos em dança, com Rafic Garzuzi.

1951 Ingressa no último ano da Escola Municipal de Bailado, onde estuda com Marília Franco (1923-2006). Frequenta a academia de Maria Olenewa (1896-1965). Ministra aulas de dança para principiantes para pagar o curso.

1952 Na Escola Municipal de Bailado, atua no solo oriental de *Thais*.

1953 Após passar nos exames, torna-se primeira bailarina da Escola Municipal de Bailado. Com Gil Saboya, dança *Sweet Mascarade*, de Marília Franco. É efetivada como professora da emb, função que desempenhará em diversos momentos ao longo de sua carreira.

1955 Para complementar o salário da emb, atua no teatro de revista, na companhia de Nélia Paula (1930-2002), onde dança *A Morte do Cisne*. Até 1962, dança em boates para sobreviver.

1956 Ao lado de Michel Barbano, dança a ópera *O Guarani*. Atua em *Copélia* na tv Tupi.

1959 Recebe o prêmio Anna Pavlova de melhor bailarina do ano por *Procição*, de Marília Franco.

1960 Dança *Sansão e Dalila*, de Marília Franco. Novamente ganha o Anna Pavlova.

1962 Com Wilson de Almeida e sob a direção de Klaus Vianna (1928-92), atua em espetáculo em Belo Horizonte. Dança *Chopiniana e Nocturne*, de Fokine (1880-1942), *Don Quixote* e *Sonata nº 6*, de Obukhov, *Valse Triste e Romeo e Julieta*, de Tatiana Gszovski e *Romance em Fã*, de Marília Franco, entre outros. Viaja para a Finlândia para se apresentar no Festival da Juventude e recebe um prêmio especial por sua atuação, que inclui *Procição* e *O Canto do Cisne Negro*, de Gil Saboya. Viaja para a União Soviética para se apresentar com outros artistas brasileiros. É admitida no último ano do Balé Bolshoi.

1963 No Bolshoi, tem aulas com Sulamith Messerer (1908-2004) e Galina Ulanova (1910-98). Em férias no Brasil, monta o espetáculo *Francesca de Rimini*, em que atua com Joshey Leão (1927-83) e Wilson de Almeida, para o programa *Concertos Matinais*, da tv Tupi. De volta à União Soviética, atua como solista no Bolshoi.

1964 Dança *A Fonte de Bakhchisarai* e *Don Quixote* no Bolshoi. Viaja para Paris, onde atua na tv francesa e em pontas para o cinema.

1965 Retorna ao Brasil e à Escola Municipal de Bailado. Dança *Schéherazade*, de Marília Franco, e *A Dama das Camélias*, de sua autoria. Ganha o prêmio de melhor bailarina clássica da Associação Paulista de Imprensa.

O Guarani (TMSP), 1956



EMB, 1961



Com Jura Otero e Klaus Viana, 1962



D. Quixote (TMSP), 1962



Escola do Teatro Bolshoi, 1963



Com Edgard Díaz e Mario Lopes (TMSP), 1965



Sociedade Ballet de São Paulo, 1969



Dança Viva, com Antonio Carlos e Iracily Cardoso, 1971



1966 Sob a direção de Renée Gumiel (1913-2006), cria o Ballet de Câmara com Peter Hayden, Marika Gidali e Victor Aukstin. Coreografa e dança *Vestido de Noiva*, um neoclássico baseado na peça de Nelson Rodrigues (1912-80). Dança *Leidy Macbeth*, *Forma Quatro*, *Huis Clos* e *Aranha*, de Renée Gumiel e *Movimentos e Linhas* e *Finale*, de Victor Aukstin.

1967 Faz aulas na escola de Halina Biernacka (1914-2005). Coreografa o musical *Isso Devia Ser Proibido*, de Walmor Chagas e Bráulio Pedroso (1931-90).

1969 Criação da Sociedade Ballet de São Paulo, de Halina Biernacka, da qual Marilena é uma das diretoras. Coreografa *A Casa de Bernarda Alba*, inspirada na peça homônima de Garcia Lorca (1898-1936), e *Maria Stuart*. Participa do I Festival Paulista de Dança com *Apollon Musagète*, de George Balanchine (1904-83). Dança *Concerto*, também de Balanchine.

1970 Coreografa *A Recusa*, para o Ballet Stagium, *O Quadrado*, *Por quê?* e *Spartacus*, exibidos na tv Cultura.

1971 Com Antonio Carlos e Iracity Cardoso, Marilene Silva e Zilah Vergueiro, apresenta o espetáculo *Dança Viva*, com coreografia sua e de Antonio Carlos.

1972 Dá aulas de balé clássico em sua casa. Coreografa para as peças *Memórias de um Sargento de Milícias*, *O Impacto* e *Fernando Pessoa*. Recebe o prêmio de melhor coreografia teatral da Associação Paulista de Críticos de Arte (apca) por *A Viagem*, de Celso Nunes, em que também atua.

1973 Despede-se do balé clássico dançando *O Corsário*, de Gil Saboya. Atua como representante da área de dança no Conselho Estadual de Cultura.

1974 Coordena a reforma e adaptação do Teatro Galpão, que se torna espaço dedicado exclusivamente à dança, com patrocínio do Governo do Estado. Atua no processo de reestruturação do Corpo de Baile do Teatro Municipal de São Paulo. Trabalha ali como coreógrafa, criando *Medéia* e *Cenas*.

1975 Começa a trabalhar uma linguagem para o teatro com a peça autobiográfica *Isso ou Aquilo?*, que tem direção de Iacov Hillel e roteiro co-escrito com Emilie Chamie (1927-2000). O Teatro Galpão é inaugurado. Ganha o Grande Prêmio da Crítica apca, por sua atuação na criação do Teatro Galpão e, por *Isso ou Aquilo?*, os prêmios Molière e Governador do Estado de São Paulo. A partir deste ano, torna-se uma *performer*, misturando teatro e dança em todos os seus trabalhos.

1976 Ministra aulas para o Corpo de Baile do Teatro Municipal de São Paulo. Ao lado de Rodrigo Santiago (1943-99), atua no espetáculo *Por Dentro / Por Fora*, com argumento e textos de Mário Chamie, roteiro de Emilie Chamie e direção de Iacov Hillel.

1977 Dança no filme *A Casa das Tentações*, de Rubem Biáfora (1922-96). Apresenta o espetáculo *Isso ou Aquilo?* no Festival Mundial de Teatro de Nancy, na França e na Itália. Recebe o prêmio de melhor espetáculo individual por sua participação. Escreve e atua em *Escuta, Zé!*, inspirado no livro de Wilhelm Reich (1897-1957) com direção de Celso Nunes.

1978 Escreve o roteiro do musical *1707/839 – Leonardo La Ponzina*, uma biografia do bailarino Lennie Dale (1934-94). Escreve, atua e produz a peça *Fundo de Olho*, com direção de Celso Nunes e atuações de Paulo Herculano, Zilah Vergueiro e Augusto Rocha.

1979 Apresenta *Um Sopro de Vida*, adaptação da obra de Clarice Lispector

Com Sábado Magaldi, 1975



Isso ou Aquilo?, 1975



Por Dentro/Por Fora, 1976



Escuta, Zé!, 1977



Um Sopro de Vida, 1979



Geni, 1980



(1920-77), com direção de José Possi Neto e coreografia de Victor Navarro. Recebe os prêmios Associação Paulista dos Críticos de Arte (apca) de melhor atriz, Mambembe e Serviço Nacional do Teatro, por melhor espetáculo.

1980 Escreve o roteiro, atua e produz o musical *Geni*, com texto de Chico Buarque e José Possi Neto, sob a direção de Possi. Remonta *Escuta, Zé!* e excursiona com a peça pelo interior de São Paulo.

1982 Apresenta *Picasso e Eu*, espetáculo que traz texto, concepção, coreografia, trilha sonora, figurinos e interpretação seus, sob a direção de José Possi Neto. Escreve e atua no autobiográfico *Jogo de Cintura*, apresentado no Teatro Galpão.

1983 Ministra cursos de dança-teatro na Bahia e em Minas Gerais. Realiza a coreografia do musical *Ob! Calcutta*, com direção de Giba Um.

1984 Escreve, coreografa e atua em *Se...*, com direção de Luiz Roberto Galizia e atuação do bailarino Emílio Alves.

1985 Com Lennie Dale (1934-1994), coreografa e atua no musical *Grand Finale*, com texto e direção de Flávio de Souza. Atua na minissérie *Rabo de Saia*, da tv Globo.

1986 Atua na novela *Selva de Pedra*, da tv Globo.

1987 Apresenta *Hamletmachine*, com texto de Heiner Müller (1929-95) e direção de Marcio Aurelio, que ganha o prêmio Molière. Recebe os prêmios Governador do Estado e Molière de melhor atriz pelo seu desempenho no espetáculo.

1989 Adapta e atua em *A Paixão Segundo G.H.*, da obra de Clarice Lispector (1920-1977), sob direção de Cibele Forjaz. O espetáculo faz parte 20ª Bienal de Arte de São Paulo.

1990 Escreve a sua autobiografia, *Atos*, publicada em 1994 pela Editora Maltese.

1991 Apresenta *Clitemnestra*, com direção de Antônio Araújo e texto de Marguerite Yourcenar (1903-97). Recebe o apca de melhor atriz pelo espetáculo. Afasta-se dos palcos pelos próximos doze anos, motivada pelo excesso de trabalho ininterrupto.

1995 Atua na novela *Cara & Coroa*, da tv Globo.

2005 Retoma sua carreira nos palcos com *Desassossego*, com direção de Marcio Aurelio e roteiro seu.

2007 Faz uma participação especial na peça *A Metafísica do Amor*, da Companhia Razões Inversas, com atuação de Paulo Marcello e direção de Marcio Aurelio.

Cronologia por Flávia Ragazzo de Barros*

Picasso e Eu, 1982



Se, 1984



Hamletmachine, 1987



A Paixão Segundo G.H., 1989



Clitemnestra, 1991



Desassossego, 2005





SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA

A COMPANHIA

Criada em 2008 pela Secretaria de Estado da Cultura, a São Paulo Companhia de Dança é um centro de produção, difusão e apoio sistemático à arte da dança. Para além da criação e das apresentações de espetáculos, constitui-se também num pólo aglutinador de iniciativas que favoreçam a preservação da memória da dança e a reflexão sobre esta arte, seja em atividades ao vivo, seja através de publicações, em livros e vídeos.

A Companhia, que tem como diretora artística Iracity Cardoso e diretora artística adjunta Inês Bogéa, ambiciona expressar na dança o espírito do Estado de São Paulo, marcado por culturas que se completam e se contrapõem.

SEDE ATUAL

Oficina Cultural Oswald de Andrade
Rua Três Rios, 363 | Bom Retiro
São Paulo SP | cep 01123-001
fone +55 11 3224 1380
www.saopaulocompanhiadedanca.art.br

FIGURAS DA DANÇA

Tendo por foco o percurso artístico e a obra de importantes personagens da história da dança no Brasil, esta série de depoimentos públicos será gravada em **dvds** e veiculada em programas da tv Cultura.

Ao lado de material iconográfico e outros registros audiovisuais, *Figuras da Dança* apresenta o artista por ele mesmo, em diálogo público com interlocutores convidados. Diversos atores fundamentais da dança brasileira comentarão seu trabalho, ajudando a compor um painel histórico dessa arte no Brasil.

Figuras da Dança

MARILENA ANSALDI

Teatro Franco Zampari

São Paulo, 11 setembro de 2008.

DEPOIMENTO PÚBLICO

Concepção da performance

Marilena AnsalDI

Colaboração especial

Marcio Aurelio

Concepção projeto Figuras da Dança

Iracity Cardoso e Inês Bogéa

Coordenação e Apresentação

Inês Bogéa

Depoimentos de

Ana Francisca Ponzio, Celso Nunes,
Cibele Forjaz, José Possi Neto
e Marcio Aurelio.

Direção do vídeo projetado

Inês Bogéa

Edição do vídeo projetado

Charles Lima

Imagens Acervo pessoal Marilena
AnsalDI, Antonio Parramon,
Djalma Limongi Batista, Gerson Zanini,
Leonardo Crescenti Neto, Arquivo
Multimeios/DADoc/
CCSP/SMC/PMSP, João Caldas,
Centro de Documentação/Fundação
Padre Anchieta, Eid Walesko,
Nave tvídeo São Paulo, Gilberto
Goumar e Sérgio Roizenblit.

Direção de tv

Antônio Carlos Rebesco (Pipoca)

Captação e Finalização

tv Cultura | Fundação Padre Anchieta
e Pipoca CineVÍdeo

Produção Alexandra Itacarambi,

Lina Murano e Daniel Lobo

FOLDER

Projeto gráfico

Mayumi Okuyama

Pesquisa

Inês Bogéa, Marcio Junji Sono
e Flávia Ragazzo de Barros

Fotografias Cronologia

Acervo pessoal Marilena AnsalDI,
Antonio Parramon, Gerson Zanini,
Leonardo Crescenti Neto, Arquivo
Multimeios/DADoc/CCSP/SMC/
PMSP e João Caldas.

Agradecimentos

Acácio Ribeiro Valim Júnior
e Pinacoteca do Estado de São Paulo

De Marilena AnsalDI

Toda gratidão a essa nova fase da dança
em São Paulo. Pela atenção e carinho
dados, Iracity, Inês e toda a equipe
da São Paulo Companhia de Dança.
A Marcio Junji, Charles Lima e Marcio
Aurelio, pela generosa dedicação.
Agradeço também à Secretaria
de Estado da Cultura, ao Pipoca e
à tv Cultura.

* Na cronologia, optamos por listar
nomes, datas e outros dados de acordo
com os registros escritos encontrados durante
a pesquisa, mesmo correndo
o risco de algumas ausências.

*Todos os esforços foram feitos para se
identificar a autoria das fotografias
publicadas aqui. Caso reconheça a autoria
de quaisquer das imagens não creditadas,
por favor, contate-nos pelo e-mail
comunicacao@saopaulocompanhiadedanca.
art.br





SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA

DIREÇÃO

Diretora Artística
Iracity Cardoso

Diretora Artística Adjunta
Inês Bogéa

EQUIPE DE ENSAIO

Coordenação de Ensaios | Professor
Ricardo Scheir

Ensaíadora | Professora
Daniela Stasi

Assistência Musical | Pianista
Leandro Setra

EQUIPE DE PRODUÇÃO

Coordenação de Produção e Turnê
Luca Baldovino

Coordenação de Projetos Educativos
Alexandra Itacarambi

Produção Executiva Mirtes Mesquita

Comunicação
Marcio Junji Sono

Audiovisual Charles Lima

Assistência de Produção
Flávia Ragazzo de Barros

EQUIPE TÉCNICA

Chefe de Palco Samir Khan

Técnico de Luz Cristiano Pedott

Cenotécnico Vinícius Simões

Técnico de Som
Rodolfo Dias Paes

Encarregada de Guarda-roupa

Inês Crepaldi

Costureiras/Camareiras

Vera Lúcia Pereira e Elizabete Roque

EQUIPE ADMINISTRATIVA

Coordenação Administrativa
Sílvia Kawata

Assessoria Administrativa
Mônica Takeda

Assessoria de Direção
Sandra Regina Rodrigues dos Santos

Assistência Administrativa
Eduardo Bernardes da Silva

Secretaria de Direção Sílvia Gabbay

Recepção Rosely Lima

Assistência Geral
**Vancler Rocha, Maria da Conçolação
Campos e Neide dos Santos Nery**

COLABORADORES

Relações Públicas
Franceschina Vilardo

Assessora de Comunicação
Luciana Araujo

Designer Mayumi Okuyama

Terapeuta Corporal Cissa Santini

Marketing Cultural
XPress Assessoria em Comunicação

Consultoria Jurídica
**Maciel, Fernandes, Basso e Rossanezi
Advogados Associados**

Contratos Internacionais
Olivieri & Signorelli Advocacia

Marketing Cultural
XPress Assessoria em Comunicação

Website Five Black Cats

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

José Serra

Governador do Estado

João Sayad

Secretário de Estado da Cultura

Ronaldo Bianchi

Secretário-adjunto

Arnaldo Gobetti Júnior

Chefe de Gabinete

Luiz Nogueira

Coordenador da Unidade de Formação Cultural

A S S A O C

**ASSOCIAÇÃO AMIGOS DAS OFICINAS
CULTURAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO**

Wanderley Garieri Junior

Diretor Executivo

FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA

Presidente

Paulo Markun

Presidente do Conselho curador do fpa

Jorge da Cunha Lima

Diretor de Prestação de Serviços

Carlos Wagner La-Bella

Diretor de Produção

Marcelo Amiky

Diretor de Captação e Marketing

Cícero Feltrin

SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA

Iracity Cardoso

Diretora Artística

Inês Bogéa

Diretora Artística Adjunta

Em Sopro de Vida, 1979 (foto: Leonardo Crescenti Neto) >

Em Desassossego, 2005 (foto: João Caldas) >>





APOIO



PRODUÇÃO



REALIZAÇÃO



SECRETARIA DE
ESTADO DA CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
TRABALHANDO POR VOCÊ